



SCHEREZADE, VIAJANTE DO PENSAMENTO NÔMADE: UMA LEITURA DO ROMANCE *VOZES DO DESERTO* SOB A ÓTICA DA FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA DE GILLES DELEUZE E FÉLIX GUATTARI

Maria do Socorro Souza Silva

Roniê Rodrigues da Silva (Orientador)

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte mariadosocorro.uzl@hotmail.com

rodrigopiñon2014@gmail.com

RESUMO:

Considerando o que discutem os filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari acerca das noções de Rizoma, Corpo sem órgãos, Máquina abstrata de rotação, Máquina de guerra e Aparelho de Estado na obra *Mil platôs*, objetivamos realizar uma leitura crítica do romance *Vozes do Deserto* (2004), da escritora contemporânea Nélide Piñon, associando os paradigmas filosóficos citados à construção da identidade dos protagonistas da narrativa, o Califa e a Scherezade. Por tratar-se de duas personagens que constroem suas subjetivações de maneira contrastante, sendo o Califa um homem de raízes, de personalidade fixa; e a Scherezade uma jovem de pensamentos e conduta multifacetada, procuramos problematizar suas identificações a partir da teoria referida para compreender o embate desenvolvido entre os personagens ao longo da narrativa.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Filosofia. Nélide Piñon. Identidade.

INTRODUÇÃO

O romance *Vozes do Deserto* da escritora Nélide Piñon, publicado em 2004, é construído em torno de uma personagem da literatura universal conhecida pela arte de lidar com as palavras e de encantar aqueles que a ouvem. Oriunda da saga oriental, Scherezade emerge de *As mil e uma noites* para a narrativa de Piñon, onde aparece como uma protagonista insubordinada, que resolve desafiar o poder institucional representado pelo Califa de Bagdá, afim de suspender um decreto de morte que pesa sobre as donzelas do reino. Conhecida desde a saga original por escapar diariamente da morte ao iniciar uma história e interrompê-la no seu ápice, deixando os seus ouvintes a espera pelo desfecho final, a personagem vale-se do fascínio da fabulação para, dia após dia, sobreviver, permitindo-lhe dar continuidade a história inacabada.

Considerando, então, essa (re)encenação do clássico, pretendemos neste trabalho realizar uma leitura crítica da narrativa nelidiana, visando associar a construção das identidades das personagens Califa e Scherezade a alguns princípios da

(83) 3322.3222

contato@sinafro2018.com.br

www.sinafro2018.com.br

filosofia deleuze-guattariana, principalmente às ideias de Rizoma, Corpo sem Órgãos, Máquina abstrata de rotação, Máquina de Guerra e Aparelho de Estado.

O Califa e a Scherezade: A conjectura de suas identidades

Segundo os princípios deleuze-guattarianos, a ideia de rizoma é extraída a partir de uma relação com a botânica e designa uma formação na qual não se pode identificar seu início ou fim, por possuir muitas disjunções, “o rizoma nele mesmo tem formas muito diversas, desde sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e tubérculos”. (DELEUZE E GUATARRI, 1995, p. 15). Desse modo, entendemos que o rizoma caracteriza-se principalmente pela multiplicidade de suas extensões, por uma estrutura labiríntica na qual não se pode identificar um centro, uma única saída, mas diversas possibilidades de agenciamentos. Procurando designar mais claramente a ideia de rizoma, os filósofos estabelecem alguns princípios através dos quais procuram caracterizá-lo. O primeiro e o segundo princípios são o de “conexão e de heterogeneidade: qualquer ponto do rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. É muito diferente da árvore e da raiz que fixam um ponto, uma ordem”. (DELEUZE E GUATARRI, 1995, p. 15). As ligações no rizoma se dão em qualquer ponto, por meio de várias conexões, tornando-o uma constituição múltipla.

Pensando na ideia de rizoma apresentada, e nos princípios da conexão e heterogeneidade, podemos propor uma associação com a conjectura da identidade da personagem Scherezade. Tal relação pode ser observada devido ao fato de a protagonista constituir sua subjetivação, ao longo da narrativa, estabelecendo rupturas com o sistema dominante, investindo em agenciamentos com possibilidades de conexões diversas, a partir dos quais torna-se um sujeito desdobrável, não fixado, mas fluído. Essa característica será, inclusive, incorporada na sua função de contadora de histórias, as quais são oriundas de fontes diversas, ratificando um nomadismo do pensamento que pode ser apontado como próprio da personagem: “Nunca se cansa de se entregar à irremediável volúpia de contar histórias, como se assim encetasse uma peregrinação a Meca, ou a Medina, segundo a direção que tomasse.” (PIÑON, 2004, p. 163).

A natureza desdobrável de Scherezade, referida acima, permite à personagem transformar o próprio corpo num território de intensidades contínuas responsáveis por fazê-la assumir uma diversidade de identificações durante o ato da fabulação, conforme se percebe numa passagem do texto literário:

Scherezade assume alternadamente papéis femininos e masculinos. Sente-se à vontade em descrever o falo e a vulva. As genitálias dos seres não a incomodam. Seu corpo absorve em igual intensidade as proporções de cada qual. Lateja, pulsa, incha, cresce, endurece, segundo a anatomia que representa nos seus relatos. Quando se cansa de ser homem, esquecida do que é ser mulher na corte de Bagdá, sente desprezo por uma humanidade imersa na sujeira e nas falsas ilusões. (PIÑON, 2004, p.307)

O trecho mostra-nos aspectos da personalidade de Scherezade e nos possibilita pensar numa associação com a ideia de rizoma. Em seus relatos, ela incorpora os traços dos personagens, oscilando entre a identidade masculina e a feminina, segundo as necessidades da narrativa. Nesse sentido, se metamorfoseia, ora tem reações próprias de um homem, “cresce, endurece”, ora assume aspectos do corpo de mulher, “lateja, pulsa”, reagindo de acordo com a identidade que incorpora a cada instante. Numa mesma narrativa pode oscilar entre uma personalidade e outra, constituindo-se, assim, como uma personagem rizomática.

Considerando a performance de contadora de histórias, a partir das ações da personagem ao longo da narrativa, é possível associá-la também às características do rizoma no que tange ao 3º princípio proposto por Deleuze e Guattari, denominado de princípio da multiplicidade o qual propõe que: “[...] é somente quando o múltiplo é efetivamente tratado como substantivo, multiplicidade, que ele não tem mais nenhuma relação com o uno como sujeito ou como objeto, como realidade natural ou espiritual, como imagem e mundo”. (DELEUZE E GUATTARI, 1995, p.16). Assim, como consequência dos princípios anteriores, a multiplicidade pode ser percebida como algo que constitui a essência das histórias contadas por Scherezade, que se vale tanto dos aspectos oriundos da grei dos abássidas orientais, fazendo reviver personagens marcantes na história dos sultões; como reaviva personagens advindos das fábulas populares, como Simbad, Zoneida e outros.

O caráter múltiplo relacionado à identificação do ato de fabular se propaga para além do fato de encarnar personagens originados de universos diversos, pode também ser visto quando a própria personagem transita entre o status de princesa, obtido pelo fato de ser filha do Vizir, passando ao papel de jovem aventureira que perambula pelo mercado de Bagdá e até de heroína que se sacrifica pela vida das jovens do reino condenadas à morte. Scherezade é por si mesma múltipla, se “transforma em um ser diferente a cada segundo”. (PIÑON, 2004, p.139). Dessa maneira, podemos dizer que a multiplicidade em Scherezade é traduzida pela sua experiência de vida, pelas ações e também no caráter das histórias por ela criadas, sempre intermináveis, conforme está assinalado no texto literário, “[...] sempre contava histórias de forma ininterrupta. [...] obriga-a a inventar um palco sobre

o qual seus personagens, nascidos da ilusão, pisam firmes”. (PIÑON, 2004, p. 255-256). Em contraposição a essa subjetivação, a figura do Califa, do Soberano pertencente a Grei dos Abássidas, é representada ao longo da texto nelidiano de forma bastante rígida, fechada, séria, demarcando uma identidade que se opõe claramente a da Scherezade, que como assinalamos é múltipla.

Em várias passagens da narrativa é possível observar a “mirada” séria do Califa, seu comportamento fechado o qual podemos associar à imagem da árvore que nas discussões dos filósofos franceses se contrapõe ao rizoma. “Não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas”. (DELEUZE E GUATTARI, 2005, p.17). Enquanto a identidade da Scherezade pode ser vista como rizomática, múltipla, repleta de linhas de fuga¹; a do Califa é estática como a imagem da árvore, a qual, segundo os filósofos, sugere algo fixo, imóvel, avesso a mudanças. Podemos notar esse aspecto nas atitudes do Soberano, conforme passagem que segue: “[...] Absorve o seu silêncio, as irradiações da mirada cruel, raramente alterada pela ternura, a fazer um juízo do mundo. Para abrandar o soberano, removê-lo do centro do seu império interior, serão necessários anos de empenho, de uma batalha quase inútil”. (PIÑON, 2004, p.255)

A personalidade do Califa é revestida pelo semblante de um homem da política, que precisa atender a certas convenções. Há nele uma ausência de sentimentos, as relações que estabelece com as pessoas a sua volta são regadas pela seriedade de sua personalidade, desde o tratamento dado aos escravos, como também na relação que tem com Scherezade, mesmo que trate-a com respeito, ainda assim falta-lhe a proximidade comum entre os casais: “O Califa, impedido de alimentar qualquer sentimento amoroso, não pronuncia o nome de Scherezade. Hábito que estendia a todas as favoritas, tratando-as, assim, como se elas fizessem parte de uma entidade incorpórea, da qual devia eludir-se”. (PIÑON, 2004, p.193). Esse distanciamento entre o homem e a mulher, Califa e Scherezade, pode ser representado também pela descrição dos atos sexuais, os quais aparecem regidos por muita frieza, permeados de artifícios teatrais, uma espécie de farsa:

O amor é teatral, intui Scherezade, que à mercê do Califa, jamais se apaixonou. O espetáculo amoroso, como o concebe agora, junto ao leito do Califa, requer ilusão, artifício, máscaras coladas ao rosto dos amantes enquanto copulam. E que, modeladas com cera, derretem a renovam-se

¹ Linhas de fuga segundo Deleuze e Guattari são os meios pelos quais o rizoma faz suas conexões com os outros pontos do rizoma. Associadas a identidade da personagem Scherezade, essas linhas de fuga são os meios pelos quais ela age diariamente elaborando seus enredos.

durante a noite, à medida que eles subtraem e acrescentam gestões e palavras ao convívio. (PIÑON, 2004, p.191)

Percebemos que as sensações provenientes do ato sexual são por Scherezade encenadas e pelo Califa aceitas. O homem, nessa feita, mostra-se conivente com a forma com que a mulher finge o prazer. Ele age friamente, com gestos próprios de sua natureza, levando o narrador à utilização da palavra cópula, propositadamente usada com o objetivo de demarcar uma união sem sentimentos, mas que se alonga em outras passagens do texto: “Indica a Scherezade que se deite e, sem se despir ou retirar o falo escondido nas vestimentas, cobre-a com o corpo. Seus gestos, simulando uma cópula ativa, provam estar ele disposto a viver em regime de farsa em troca das compensações habituais [...]”. (PIÑON, 2004, p.332).

A frieza e a forma mecânica com que o Califa trata as pessoas, sobretudo a esposa, nos permite aproximar a conjectura de sua identidade com a imagem da árvore segundo os princípios de Deleuze e Guattari. Como está assinalado no texto literário, o soberano não pretende conquistar o amor da jovem esposa, mas sim deitar-se com ela noite após noite, logo em seguida ouvir o desenrolar de mais uma história e contar diariamente com a discricção de Scherezade em relação ao casamento de farsa. Revelando cada vez mais que trata-se de um homem de personalidade fria, fixa e imutável. Considerando ainda o pensamento deleuze-guattariano, procuraremos estabelecer outras relações das identidades das personagens Scherezade e Califa com outras noções discutidas na obra *Mil Platôs*, por exemplo uma associação com a ideia de “Organismo e Corpo sem órgãos – CsO”. Para entender o fundamento de tais ideias, vejamos o que dizem os filósofos acerca dessas práticas, pois segundo eles é preciso viver, ser o CsO para poder entendê-lo:

Não é uma noção, um conceito, mas antes uma prática, um conjunto de práticas. Ao Corpo sem órgãos não se chega, não se pode chegar, nunca se acaba de chegar a ele, é um limite. Diz-se: que é isto – CsO – mas já se está sobre ele – arrastando-se como um verme, tateando como um cego ou correndo como um louco, viajante do deserto e nômade da estepe. É sobre ele que dormimos, viajamos, que lutamos e somos vencidos, que procuramos nosso lugar, que descobrimos nossas felicidades inauditas e nossas quedas fabulosas, que penetramos e somos penetrados, que amamos. (DELEUZE E GUATTARI, 1995, p.10)

Para entender o CsO é preciso vivê-lo através das práticas diárias, porém quase sempre o que fazemos não se configura como Corpo sem Órgãos, visto que somos despotencializados em nome dos preceitos institucionais. Nesse caso, apenas quando são quebrados os ditames socialmente estabelecidos, quando o indivíduo de alguma

forma transgride as normas que lhe são postas é que o CsO se materializa nas vivências. Acrescentamos que, assim como a árvore se opõe até certo ponto ao rizoma, por um ser de princípio uno, fixo, e o outro múltiplo/instável, do mesmo modo o organismo se contrapõe em parte ao CsO, pois enquanto o primeiro preza pela organização dos órgãos, cada um com sua função estabelecida, no segundo “os órgãos perdem toda constância, quer se trate de sua localização, ou de sua função”. (DELEUZE E GUATTARI, 1995, p.14).² Há uma desestabilização, uma desautomatização, o que sempre esteve previsto e determinado passa a ter outras possibilidades e funcionalidades.

Fazendo um paralelo com *Vozes do Deserto*, podemos estabelecer uma relação entre as noções de “Organismo” e “Corpo sem Órgãos” com as identificações do Califa e de Scherezade, respectivamente, isso porque conforme estamos mostrando ao longo deste estudo, o Califa constitui-se como um homem sistematizado, sua rotina é previamente organizada, seus atos e reações são previstos, seus impulsos são controlados, seus desejos reprimidos, dentre outros aspectos que possibilitam esta associação. Sobre a rotina previamente estabelecida do Califa, o narrador assinala que apenas os relatos da jovem é que tiram o soberano, por alguns instantes, de sua condição estável:

Assim, a conjugação das palavras da jovem com o desejo carnal, longe de alegrá-lo, arranca o califa das amarras da realidade. Cria nele expectativa que, ao final das audiências, o devolve às histórias de Scherezade, cujo epílogo aspira a conhecer. Vive um cotidiano que, cumpre à risca”. (PIÑON, 2004, p.235).

Fora disto, o homem segue os mesmos passos todos os dias, frequenta as audiências para resolver os problemas do reino e ao cair da noite segue para os aposentos, onde Scherezade o aguarda com suas fábulas.

Já a Scherezade vive uma conjectura de Corpo sem Órgãos, primeiro quando sai de sua condição favorável de filha do Vizir para colocar-se numa condição não resignada, que não aceita a desdita que pesa sobre as donzelas do reino. No caso desta personagem, lembremos que quando decide desafiar o Califa, Scherezade o faz em sacrifício, fato incomum às moças da classe à qual pertence e que não aparecem sob o julgo do decreto do monarca. Por outro lado, se mostra uma figura transgressora quando liberta-se das convenções sociais que preveem

² Ressaltamos que quando nos referimos a oposição entre árvore e rizoma, organismo e CsO não procuramos uma relação binária, do contrário, entendemos que árvore e rizoma, assim como a noção de organismo e CsO, até certo ponto se contrastam, mas uma coisa pode aparecer na outra. Não são, portanto, estruturas totalmente antagônicas

para as mulheres um estado inferior ao homem, que impede-as de escolher um marido, sendo que ela mesma é quem o escolhe, na intenção de travar com ele uma espécie de combate do qual deseja sair vencedora. Trata-se de uma decisão com fins sociais, confirmando mais ainda que ela não é uma jovem como as demais da sua grei.

Dentre as inúmeras passagens da narrativa nas quais apresenta-se uma Scherezade insubordinada aos ditames sociais, podemos trazer esta, localizada logo no início do enredo, quando o narrador já inicia revelando-nos que:

Scherezade não teme a morte. Não acredita que o poder do mundo, representado pelo Califa, a quem o pai serve, decreta por meio de sua morte e extermínio da sua imaginação. Tenta convencer o pai de ser a única capaz de interromper a sequência das mortes dadas às donzelas do reino. Não suporta ver o triunfo do mal que se estampa no rosto do Califa. Quer opor-se à desdita que atinge os lares de Bagdá e arredores, oferecendo-se ao soberano em sedicioso holocausto. (PIÑON, 2004, p. 07).

Conforme assinalado no trecho da narrativa, Scherezade é uma personagem destemida, característica incomum para uma jovem como ela que tem o futuro à mercê das decisões do pai. Todavia, observamos que a personagem carrega em si, no destemor que sente diante da morte e na força da sua imaginação, a ideia de potência a qual se manifesta por meio do seu discurso, dos seus relatos. A potência da personagem é tanta que a torna insubordinada aos preceitos institucionais. Normalmente a condição de uma mulher no contexto em que a narrativa se passa é de total domínio e submissão à família, ao poder patriarcal representado pela figura do pai e/ou do marido. Porém Scherezade, como metáfora de um Corpo sem órgãos, age por conta própria, convicta dos seus ideais.

Para criar o seu CsO Scherezade precisa destituir-se de toda uma condição aparentemente confortável, abrindo mão do amor e da convivência com o seu pai; Mas, por outro lado, investe na força de suas narrativas, visando vencer o Califa pelo poder da palavra. O ato de fazer-se Corpo sem Órgãos em alguns casos pode ser doloroso, a dor mesmo que metafórica faz-se presente na personagem Scherezade, que sofre diariamente pelas consequências das suas escolhas.

Outra proposição deleuze guattariana sob a qual pretendemos associar as identidades dos protagonistas de *Vozes do Deserto* é relativa à ideia da “Máquina abstrata de rostidade” que com sua ação institucionalizada procura rostificar os indivíduos que, segundo os filósofos contemporâneos, nascem sem rostos, apenas com cabeças. Desse modo, a máquina abstrata ao longo da vida produz os rostos segundo seus fins. A noção

de rosto em Deleuze e Guatarri não é a mesma que temos nos pressupostos convencionais, ou seja, para eles o rosto é uma codificação de um conjunto que compreende o corpo como um todo, incluindo a cabeça que para fazer parte desse “rosto” precisa ser decodificada e recodificada:

O rosto só se produz quando a cabeça deixa de fazer parte do corpo, quando pára de ser codificada pelo corpo, quando ela mesma pára de ter código corporal polívoro multidimensional – quando o corpo, incluindo a cabeça, se encontra decodificado e deve ser sobrecodificado por algo denominado Rosto. (DELEUZE E GUATTARI, 1996, p.35).

Segundo esse pensamento, para a constituição do “Rosto” faz-se necessária a decodificação da cabeça, destituí-la de sua função automatizada para depois recobri-la com o novo “Rosto”, produzido pela máquina. Assim, a ação da Máquina abstrata de rostidade compreende o rosto, o corpo, o modo de viver dos sujeitos que são rostificados, “não se contenta em recobrir a cabeça, mas afetará as outras partes do corpo”. (DELEUZE E GUATTARI, 1996, p.35). Desse modo, pensando na narrativa nelidiana em estudo, podemos pressupor que há a presença de uma força abstrata que pré-determina as ações do Califa e da personagem Scherezade. O “Rosto como produção de uma máquina abstrata” pode ser interpretado de forma metafórica, ou seja, são as identidades que vamos incorporando ao longo da nossa existência. Nascemos neutros, “sem rosto” e a sociedade em que vivemos, por meio das instituições, vão moldando as nossas identidades, influenciando em nossas escolhas, produzindo os Rostos.

Em *Vozes do Deserto*, podemos observar a ação da “Máquina abstrata de Rostidade” no rosto/identidade do Califa que representa nos traços faciais a seriedade e a imutabilidade de um homem que precisa a todo custo transparecer a hegemonia, a austera posição que ocupa como chefe de Estado: “Ao definir o destino alheio, não lhe assoma ao rosto uma emoção que o identifique com o comum dos mortais. Convencido de suas medidas, não há nele lugar para o erro”. (PIÑON, 2004, p.205). O soberano ciente do papel que desempenha tem o rosto moldado por uma força abstrata que advém da sua grei e da soberania herdada. O Califa age segundo determinações da sua linhagem familiar constituída de homens de pulso firme, com fama de serem másculos e viris, bem como pelo fato de ser o representante maior do povo. Assim, precisa ter um rosto condizente com a identidade e posição que representa.

No caso de Scherezade, por se tratar de uma personagem por vezes ambígua, podemos mencionar que no caso da identidade da jovem contadora, ocorre uma tentativa de rostificação, pois há cenas em que a Scherezade finge ser algo que não

é, como nos momentos íntimos ou ao contar suas histórias. Porém, trata-se de um processo dela por ela mesma, ou seja, é por meio do seu próprio desejo que constrói seus rostos e não por influência de alguma instituição. Scherezade na maioria dos casos não segue determinações à risca, sempre procura meios de erigir linhas de fugas por meio das quais escapa da máquina abstrata de rostidade.

Enquanto o Califa tem o rosto em consonância com uma significação padrão, Scherezade muda de face com muita frequência, adquire múltiplas identidades, tem um rosto clandestino. “Sob os véus que lhe cobrem o rosto, a mirada camaleônica de Scherezade espreita as manifestações da sua ilimitada força”. (PIÑON, 2004, p.205). O narrador alude à figura do camaleão a fim de demonstrar a capacidade que Scherezade tem de apresentar rostos diversos, personalidades distintas. Já o Califa rende-se ao processo de rostificação proposto pela sociedade devido a sua condição política.

Outras relações deleuze-guattarianas que possibilitam uma associação com *Vozes do Deserto* são aquelas noções relativas à “Máquina de Guerra” e ao “Aparelho de Estado. Segundo Deleuze e Guattari (1997) a máquina de guerra é exterior ao aparelho de Estado. Estão próximas, mas em oposição. Sobre essas noções os filósofos destacam: “Note-se que a guerra não está incluída nesse aparelho. Ou bem o Estado dispõe de uma violência que não passa pela guerra: ele emprega policiais e carcereiros de preferência a guerreiros, não tem armas e delas não necessita [...]”. (DELEUZE E GUATTARI, 1997, p.13)

O aparelho de Estado caracteriza-se principalmente pela sua interioridade, pela lógica intensiva, enquanto a máquina de guerra, pela exterioridade. Podemos imaginar que o Aparelho de Estado vale-se da guerra para constituir-se, para fazer valer sua soberania, ao contrário disso, as proposições dos estudiosos preveem que a máquina de guerra é anterior ao Aparelho de Estado. Ela é uma invenção dos nômades e sua função é justamente impedir a formação destes aparelhos, pois é através da guerra que podemos conspirar contra a constituições das organizações do Estado.

Tentando aproximar estas noções às identidades das personagens da narrativa nelidiana, aludimos as ações do Califa associando à organização e modos de ação do aparelho de Estado, enquanto a Scherezade mais assemelha-se a condição da Máquina de Guerra. Isso porque na identificação do Califa apresenta-se uma subjetivação própria das instituições caracterizada, sobretudo, por uma interioridade necessária ao bom desempenho do Aparelho de Estado. Para que a imaginação do soberano possa ser desterritorializada, ou seja, possa ultrapassar sua interioridade, é necessário um enorme esforço por parte da personagem contadora de histórias. Scherezade trava uma batalha a cada noite, vive uma

guerra no plano metafórico, em que usa sua arma de guerra mais poderosa, a narração, para conseguir ao raiar de mais um dia o veredicto do Califa de lhe ceder mais um dia de vida.

A oposição existente entre as identidades do Califa e da Scherezade é bem marcada na narrativa, o soberano é regido por ordens pré-determinadas pela grei familiar e pelos ditames do califado, os quais contribuem para a formulação de uma identidade fixa, conforme se percebe em seu comportamento e no modo de pensar. Assim, podemos dizer que o Califa é regido pelo “Aparelho de Estado”, ou até mesmo concebê-lo como o próprio aparelho de Estado relacionado à condição de soberania que exerce. Diferentemente, o pensamento nômade da contadora Scherezade transita por lugares diversos apresentando uma conduta múltipla. A imaginação da jovem a conduz à territorialidades distantes do palácio, mesmo que seu corpo permaneça fixo no lugar de confinamento sob as ordens do Califa. Entretanto, o poder exercido por ele não é capaz de interiorizar a criatividade de Scherezade: “Sob o mandato de sua imaginação nômade Scherezade fingia acompanhar os acordes do alaúde”. (PIÑON, 2004, p. 222).

Sobre o aspecto nômade característico da Máquina de Guerra relacionando-o com a identidade múltipla e nômade de Scherezade, a narrativa afirma que:

A partir desta sucessão de visitas ao mercado, Scherezade descobria que, a despeito de sua nobreza, ela emergira do povo agrupado nos labirintos de Bagdá. Tinha em mente tal genealogia a fim de não perder de vista as histórias que começara a grupar. Não registrava, definitivamente, distância entre a sua grei e a agente andarilha e anônima que ia lhe povoando o espírito. (PIÑON, 2004, p.250)

O trecho relaciona a origem de Scherezade àquela dos povos nômades e que se assemelha à da Máquina de Guerra. Nesse sentido, podemos dizer que a identidade da personagem é clandestina, sua personalidade é multifacetada, seus relatos são vastos e povoados de personagens dessa mesma natureza. O fato dela entregar-se em sacrifício para evitar a morte das muitas jovens de Bagdá também aproxima-a máquina de guerra; pois desse modo ela se coloca em oposição aos preceitos da instituição do Estado representada pelo Califa.

CONCLUSÃO

Procuramos neste estudo realizar uma leitura crítica do romance *Vozes do Deserto* de Nélide Piñon, tentando relacionar a configuração identitária das personagens Califa e Scherezade com conceitos oriundos da filosofia deleuze

(83) 3322.3222

contato@sinafro2018.com.br

www.sinafro2018.com.br

guattariana. Assim, partimos inicialmente das noções de árvore e rizoma as quais pudemos associá-las ao comportamento do Califa e de Scherezade. Nesse ponto, notamos que os dois personagens se opõem porque enquanto o Califa tende a transparecer uma identidade mais fixa, a Scherezade mostra-se desterritorializada, com a capacidade de se reterritorializar por meio de seus enredos. Associada à ideia de árvore e rizoma, também percebemos que as identidades dos protagonistas da narrativa podem ser incorporadas à ideia de organismo e Corpo sem Órgãos – CsO, visto que o Califa por ter uma personalidade mais fixa e estruturada, sem abertura a mudanças configura-se como um corpo organizado com todas as funções estabelecidas, já a Scherezade encena uma mulher de muitas faces, desempenha papéis diversos e transgressores para o gênero feminino, por isso pode ser concebida como CsO.

Outra relação que estabelecemos entre a narrativa e a filosofia contemporânea diz respeito à máquina abstrata de rotação que, em nossa interpretação, pode ser percebida no enredo como um elemento responsável por dar ao Califa um rosto institucional, em oposição ao rosto clandestino que se configura na contadora de histórias. Por fim, fizemos uma leitura das identidades dos protagonistas relacionando-as à ideia de máquina de guerra e aparelho de Estado, sendo o Califa ligado a conjectura do aparelho de Estado pela hegemonia presente na sua identidade e Scherezade a máquina de guerra devido ao seu aspecto transgressor que quebra com ditames pré-estabelecidos pelas instituições sociais.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol.1.** Tradução Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 1995.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol.3.** Tradução Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Claudia Leão Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol.4.** Tradução Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1997.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol.5.** Tradução Peter Pal Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 2007.

PIÑON, Néida. *Vozes do Deserto.* Rio de Janeiro: Record, 2004.